

e admiradores do professor de latim Vicente de Sousa, fundador da Federação Operária. Ingressaram logo na organização estudantil Levi Carneiro, Herbert Moses, Eduardo Rabelo, Oscar Rodrigues Alves, Aloísio de Castro, Heitor Lira, sendo este eleito presidente. O manifesto inicial da Federação de Estudantes achava “duvidosa no Brasil a existência de uma opinião nacional”, e pregava a necessidade de “propagar a instrução no seio do operariado, facilitando talvez assim a solução do problema social”. Assinavam esse manifesto Heitor Lira da Silva, como presidente, Manuel Barreto Dantas, pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Félix Cavalcanti de Albuquerque, pela Faculdade Livre de Direito, M. Pires de Carvalho e Albuquerque, pela Escola Politécnica, Eduardo Rabelo, pela Escola de Medicina, J. Gelabert Simas, pela Escola Nacional de Belas Artes. Era órgão da entidade estudantil *A Lanterna*, fundada por Júlio Pompeu de Castro e Albuquerque, mantendo uma seção para cada Faculdade, e onde escreviam Castro Menezes, Bastos Tigre e Lima Barreto que, logo depois, afastou-se da Federação porque esta dirigia representação ao Congresso favorável ao serviço militar obrigatório. O importante não é que a organização estudantil tenha errado ou acertado, nesta ou naquela decisão, que se tenha mantido estacionária ou que se desenvolvesse continuamente; o importante é que ela surgiu e, surgindo, denunciou uma etapa nova.

Foi o que aconteceu, também, com a organização que visaria agrupar os jornalistas: decorreu do desenvolvimento da imprensa, da importância que esta conquistara e das novas condições que apresentava, peculiares à imprensa industrial, nas grandes cidades, as que pesavam na vida do país, liquidada a imprensa artesanal, a pequena imprensa, a imprensa tipográfica. Atingida a etapa da grande imprensa, estabelecida esta em moldes capitalistas, surgiria, necessariamente, a organização agrupadora dos que nela trabalhavam, os profissionais, os jornalistas. O pioneiro da idéia de organizar uma instituição desse tipo foi o humilde repórter de *O País*, Gustavo de Lacerda, que se bateu infatigavelmente até ver concretizado o que defendia. Sabia bem, e proclamava, que “o jornalismo, entre nós, não é uma profissão: ou é eito ou é escada para galgar posições”. Sonhava com uma organização do tipo sindical, ocupada em defender os interesses de seus associados, os profissionais da imprensa. As dificuldades que enfrentou foram enormes. Fernando Segismundo estudou-as e caracterizou-as com precisão: “Tendo trabalhado ao lado de Artur Azevedo, Pardal Mallet, José do Patrocínio e outros expoentes do jornalismo da XIX centúria, os quais o distinguiram pessoalmente e lhe admiravam o labor profissional, lógico será pensar que Gustavo de Lacerda não atingiu o fastígio da carreira, menos por modéstia intelectual ou desambição, do que por implícita